

Once upon  
a midnight dreary,  
while I pondered, weak  
and weary, Over many a  
quaint and curious volume of  
forgotten lore — While I nodded, nearly  
napping, suddenly there came a tapping, As of  
some one gently rapping, rapping at my  
chamber door. " 'Tis some visitor," I  
muttered, "tapping at my chamber door —  
Only this and nothing more." / Ah, distinctly I  
remember it was in the bleak December; And  
each separate dying ember wrought its ghost upon  
the floor. Eagerly I wished the morrow; — vainly I  
had sought to borrow From my books surcease of  
sorrow — sorrow for the lost Lenore — For the rare  
and radiant maiden whom the angels name  
Lenore — Nameless here for evermore. / And the  
silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me — filled me with fantastic terrors never  
felt before; So that now, to still the beating of my  
heart, I stood repeating "'Tis some visitor entreating  
entrance at my chamber door — Some late  
visitor entreating entrance at my chamber  
door; — This it is and nothing more." / Open  
here I flung the shutter, when, with many  
a flirt and flutter, In there stepped a stately  
Raven of the saintly days of yore; Not the least  
obeisance made he; not a minute stopped or stayed  
he; But, with mien of lord or  
lady, perched above my  
chamber door — Perched  
upon a bust of Pallas  
just above my chamber  
door — Perched, and  
sat, and nothing more.  
/ And the lamp-light  
o'er him streaming  
throws his shadow on  
the floor; And my soul  
from out that shadow  
that lies floating on the  
floor — Shall be lifted  
— nevermore!  
— E. A. Poe

## Um Corvo Nunca Mais, de Rui Torres

Essa edição foi feita na disciplina “Literatura em meio digital”, na Faculdade de Letras da UFMG.

**Edição**

Bruna Honório

**Revisão**

Marina Pacheco

A arte perturba os satisfeitos e satisfaz os perturbados.

*Witold Gombrowi*

## **Apresentação**

Edgar Allan Poe foi escritor, editor, crítico literário dentre outras funções que ele desenvolveu ao longo da sua vida.

Neste trabalho, desenvolvido para a disciplina “Literatura em meio digital”, no segundo semestre de 2017, apresento a adaptação do poema mais famoso, “O Corvo”, de Poe, que, em uma de suas muitas traduções, foi traduzido para Português de Portugal por Fernando Pessoa.

O desenvolvimento da tecnologia, aliado com novas formas de leituras, possibilitou que o poema fosse, não somente lido, mas, também, transposto para o meio digital.

Assim, o poema de Poe ganhou elementos que reafirmam a obra como permitiu a possibilidade de fazer outras interpretações devido à mutabilidade do léxico do poema.

Bruna Honório

## **Um corvo nunca mais**

"O Corvo", de Edgar Allan Poe, foi publicado pela primeira vez em 29 de janeiro de 1845 no jornal semanal *The Evening Mirror* e no mesmo ano foi publicado em livro pela editora norte-americana Lorimer Graham, numa versão que integrava correções do autor. Por meio de aliterações, alusões e gradações, juntamente com o ambiente sobrenatural de "O Corvo" fez com que ele se tornasse famoso enquanto vivo.

Poe teve suas obras traduzidas para muitos idiomas, e Fernando Pessoa traduziu o mais famoso poema de Poe, cuja tradução foi publicada pela primeira vez na revista *Athena*, em 1924, juntamente com outros dois poemas traduzidos, também, de Poe, "Ulalume" e "Annabel Lee", sendo que este foi o último poema escrito pelo autor.

A adaptação do poema "O corvo", de Poe, foi realizada a convite do Núcleo de Estudos do Modernismo em Língua Portuguesa, da Universidade Fernando Pessoa. Os recursos utilizados foram o Flash e Actionscript, a programação foi feita por Nuno F. Ferreira e a voz é de Nuno N. Cardoso enquanto que as imagens são de Luís Carlos Petry.

A adaptação, aqui apresentada, foi exibida, em 2009, pelo autor do projeto, Rui Manuel Ferreira Leite Soutelo Torres, em

Portugal em homenagem a Edgar Allan Poe na abertura do Núcleo de Estudos do modernismo em Língua Portuguesa.

O poema de Poe sofreu alternâncias no léxico nos versos de cada estrofe, permitindo novas interpretações do poema, como afirma Torres

A literatura gerada por computador promove [...] a experimentação e o jogo, recriando profundamente conceitos com os de texto e interpretação.<sup>1</sup>

A versão de “O Corvo”, idealizada por Torres, foi programada para que seja possível a leitura alternada dos vocábulos, ao mesmo tempo em que também é possível escutar os sons que são gerados aleatoriamente a partir de trechos gravados previamente e inseridos na página da Internet.

Cada verso pertence a uma estrofe e é lido de forma aleatória, no entanto, as combinações de leitura são finitas porque já foi estabelecido quais léxicos serão alterados a cada leitura. Inclusive, a versão completa do [poema](#) está disponível para saber quais são as possibilidades de palavras, já programadas, para se ler o poema na versão digital.

A cada nova leitura do poema inicia-se num ponto de partida diferente, como podemos observar nas imagens abaixo.

<sup>1</sup> TORRES. *Poesia Experimental e Ciberliteratura*: por uma literatura marginalizada, p. 118.



Comparando ambas imagens, há diferenças acentuadas entre elas e entre o poema, posteriormente mencionado, traduzido por Pessoa.

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.

É só isto, e nada mais".

Todas as possibilidades de interação de "O Corvo" propiciadas pela experiência da junção de várias linguagens levam a diversas interpretações. A variedade de elementos proporcionados pela literatura digital instiga o leitor a participar de uma leitura interativa, possibilitando a criação de um novo poema e outras interpretações.

## O Corvo

Fernando Pessoa

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais".

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,  
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada  
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,  
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo  
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!  
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,  
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.  
É só isto, e nada mais".

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,  
"Senhor", eu disse, "ou senhora, decerto me desculpais;  
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,  
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,  
Que mal ouvi..." E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.

Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,  
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.  
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,  
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —  
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais.

Isso só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,  
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.  
"Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha janela.  
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais."  
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.  
"É o vento, e nada mais."

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.  
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,

Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,  
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,  
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura  
Com o solene decoro de seus ares rituais.  
"Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de nobre e ousado,  
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!  
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."

Disse o corvo, "Nunca mais".

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,  
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.  
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido  
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,  
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,  
Com o nome "Nunca mais".

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto,  
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.  
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento  
Perdido, murmurei lento, "Amigo, sonhos — mortais  
Todos — todos já se foram. Amanhã também te vais".

Disse o corvo, "Nunca mais".



A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
"Por certo", disse eu, "são estas vozes usuais,  
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono  
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,  
E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais  
Era este "Nunca mais".

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,  
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;  
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Com aquele "Nunca mais".

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo  
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,  
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando  
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,  
Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais,  
Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso  
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.  
"Maldito!", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te

O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,  
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou ave preta!  
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,  
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais  
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!  
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou ave preta!  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.  
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. Parte!  
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda  
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,  
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,  
Libertar-se-á... nunca mais!

## Referências

POE, Edgar Allan. *O Corvo*. Tradução de Fernando Pessoa. São Paulo: Ludmig, 2013.

POE, Edgar Allan. *Um Corvo Nunca Mais*. Tradução de Fernando Pessoa. Porto, 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/T96X8w>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

TORRES, Rui. Poesia Experimental e Ciberlitteratura: por uma literatura marginalizada. TORRES, Rui (Org.) *Enquadramento teórico e contexto crítico da PO.EX*. Porto, p. 115-127. v. 1 Disponível em: < <https://goo.gl/XQZNRy>>. Acesso em: 01 dez. 2017.